

AS CRIANÇAS, OS ANIMAIS E SUAS BRINCADEIRAS: UM TRAÇO IMPORTANTE DA CULTURA LÚDICA¹²⁰

Rogério Costa Würdig¹²¹

Resumo

Este artigo discute a parceria lúdica entre as crianças e os animais de estimação. Este é um dado significativo de pesquisa acerca da cultura lúdica e que causou surpresa, pois os animais ocupam uma posição tão ou mais importante do que as pessoas que fazem parte das relações sociais e culturais das crianças. Por que e como brincam as crianças com os animais? Quais os cuidados, os agrados e os mimos a eles dispensados? Quais as reclamações? Por que os animais surgem como principais personagens das e nas brincadeiras? Estas são algumas questões analisadas no texto.

Palavras-chave: Criança; cultura lúdica; brincadeiras; animais de estimação.

Abstract

This article discusses the ludic partnership between children and pets. This is a meaningful aspect about the playful culture research and that caused surprise, because the animals occupy a position equally or more important than the people who are part of the social and cultural relations of children. Why and how children play with the animals? What precautions, pleasures and the pampering dismissed to them? What are the complaints? Why animals appear as main characters of the children players? These are some of the issues addressed in the text.

Keywords: Child; playful culture; children plays; pets.

¹²⁰Texto escrito a partir do trabalho “Os caminhos investigativos de uma pesquisa com crianças” apresentado no II Congresso Internacional Infâncias e Brinquedos de Ontem e de Hoje.

¹²¹Professor Adjunto da Faculdade de Educação/UFPEL. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Formação de Professores, atuando principalmente nos seguintes temas: infância, formação de professores, educação física escolar, educação física e crianças. E-mail: rocw@ufpel.tche.br

Dizem que os animais são irracionais. Eu vou mais além. Animais pensam, sim, e também sentem e, ainda por cima, falam, cada espécie sua linguagem. E até cantam, por pura alegria de viver, mais melodiosos e afinados que muita voz humana.

(Thiago de Mello - Barreirinha, Amazonas)

Na apresentação do livro “A Poesia dos Bichos”, Thiago de Mello rompe o silêncio e descreve, com enorme carinho e saudade, um pouco da história, da parceria e da amizade com o seu “vira-lata garboso” chamado Príncipe. Ele, que “[...] era um amigo mesmo”, um dia morreu, ou melhor, como diz o poeta, “não morreu, se encantou”.

Esse encantamento que ficou marcado na memória do poeta fez-me lembrar da minha infância e dos animais que eu e meus irmãos tivemos, principalmente dos cachorros. Minha mãe relata que eu adorava comer a comida do Bolinha, um vira-lata branco, com bolinhas pretas. Ela ficava todo o tempo controlando as minhas idas até o pátio, depois do almoço. Mas, às vezes, ela não conseguia evitar e, quando menos esperava, eu já estava bem sentado e comendo junto com Bolinha.

Essa possibilidade imaginária de voltar a ser criança e de reencontrar Bolinha, deu-se quando iniciei o trabalho de campo na pesquisa que originou a minha tese de doutorado.¹²² Foi nesse encontro com as crianças que pude refletir mais atentamente sobre a relação afetiva que muitas delas e outros grupos geracionais estabelecem com os animais. Mais especificamente, pude constatar que os animais fazem parte das suas brincadeiras, constituindo, de certa forma, um traço significativo da construção da cultura lúdica.

O mundo das crianças e de seus animais de estimação é bastante explorado na literatura (romance, poesia, ficção), nos gibis, no cinema e na televisão, principalmente nos desenhos animados. São inúmeros os filmes que retratam a parceria entre as crianças e os animais, sendo que os cachorros são os que mais se destacam. O cenário

¹²²Este artigo apresenta alguns achados da minha tese de doutorado desenvolvida com um grupo de 19 crianças dos anos iniciais de uma escola pública num bairro popular de Pelotas/RS (2005-2007). O foco da investigação foi a análise de como se expressa a cultura lúdica do ponto de vista das crianças no contexto do recreio e no contexto casa-rua. Os principais instrumentos da pesquisa utilizados foram: as observações participantes, as fotografias e as entrevistas conversadas.

tanto pode ser urbano como rural, envolvendo meninos e meninas, assim como esta parceria é retratada no drama, na comédia, ou em outros gêneros artísticos. Os cachorros, também estão nos circos, nos comerciais de TV e na publicidade em geral, sem contar nos inúmeros brinquedos, de diferentes espécies, formas e cores, que compõem os cenários e as histórias das brincadeiras infantis.

Enquanto “[...] a indústria cultural de produtos para infância atende às culturas infantis tendo em vista a expansão comercial e o lucro”, sobrepondo, muitas vezes, o seu “potencial lúdico” (SARMENTO, 2003b, p. 6), as crianças, cotidianamente, estabelecem outras relações com seus animais de estimação, onde a prioridade é brincar e se divertir.

As brincadeiras entre as crianças com os seus respectivos animais e os vínculos daí decorrentes levam-me a pensar que este é um traço significativo na constituição da cultura lúdica e que mereceria uma maior atenção dos (as) pesquisadores (as) da infância.¹²³

Algumas situações ocorridas no trabalho de campo levaram-me a prestar atenção e investir na relação entre as crianças e seus animais de estimação.¹²⁴ Havia um brilho no olhar, um sorriso, uma vontade de mostrar, de contar histórias e fatos, de registrar imagens, de expressar o quanto apreciavam a companhia dos cachorros e o quanto era importante para as crianças, brincarem com eles.

A primeira pista surgiu quando realizamos o passeio de reconhecimento do bairro. Neste dia, circulamos pelas ruas e chegamos até as casas onde moravam as crianças, sendo que, na maioria das vezes, fomos recebidos pelos seus familiares e animais de estimação. A cada uma delas foi possibilitado fazer um registro fotográfico, sem uma combinação prévia do que poderia ser registrado. A escolha ficaria a critério de cada criança, sendo que, das treze que participaram do passeio, nove optaram por fotografar seus cachorros. Esse número indicava que havia um vínculo forte entre as

¹²³No estudo desenvolvido em Portugal por Pereira; Neto (1997) acerca da infância e das práticas lúdicas, no meio rural e urbano, no jardim da infância e no ensino básico, com crianças entre 6 e 10 anos de idade, dentre as dez categorias utilizadas para ordenar as respostas das crianças acerca das práticas realizadas e das preferidas, aparece, diluída na categoria “outras”, “brincar com os animais”.

¹²⁴Os cachorros foram os animais de estimação mais comentados e fotografados pelas crianças. Contudo, três crianças, apesar de preferirem os cachorros, relataram que também gostavam de gatos, passarinhos e cavalo.

crianças e esses animais de estimação. Mas ainda não era possível saber qual era e se havia relação com as suas brincadeiras e com a cultura lúdica.

A segunda pista aconteceu num outro passeio, quando realizamos o piquenique no sítio do avô da Letícia.¹²⁵ Ao chegarmos a este local, as crianças ficaram enlouquecidas e eufóricas com a possibilidade de ver, tocar, acariciar e pegar os filhotes de uma cachorra que havia dado cria recentemente. Enquanto o avô segurava a cadela, Letícia, a neta, pegava um por um, passando-os para seus colegas, que esperavam ansiosamente por esse momento. Durante esse contato, tanto meninos como meninas comentavam sobre a beleza dos filhotes e do quanto gostariam de cuidar e de tê-los bem perto em suas casas e em seus colos.

Uma terceira pista aflorou quando fiz as expedições às casas das crianças. Das nove crianças que pude acompanhar, sete fizeram questão de mostrar seus animais de estimação, principalmente seus cachorros. Enquanto conversávamos, ouvia histórias, aventuras e muitas brincadeiras partilhadas com esses animais.

Esse interesse, dedicação e parceria foram, posteriormente, registrados pelas crianças nas fotografias que fizeram sobre pessoas, objetos, situações e, é claro, animais, que ajudavam ou atrapalhavam as brincadeiras ocorridas fora da escola.

Assim, aproveitei todas essas pistas - fotografias, observações, histórias, comentários, sentimentos, atitudes e brincadeiras – e conversei, na entrevista, sobre os motivos de as crianças gostarem tanto de brincar com os animais de estimação. Fiquei impressionado com o caráter lúdico da entrevista quando começamos a falar sobre seus animais de estimação, uma vez que estes apareciam nos seus registros como importantes parceiros das brincadeiras.

Iniciei a conversa sobre os animais apresentando um grande número de cachorros de brinquedo. Quando os retirava da bolsa e os mostrava às crianças, em cada um dos grupos, ouvia comentários diversos, como do Pablo: *“Olha, esse aqui até parece o meu Mastin? Tu roubaste o meu Mastin?”* Surpreso com a reação e com a pergunta, neguei, explicando que havia ido ao *“canil do meu filho e tomado*

¹²⁵Para preservar o anonimato das crianças todos os nomes utilizados na pesquisa e no artigo são fictícios.

emprestado".¹²⁶ Leonel, do mesmo grupo do Pablo, propôs *"Vamos brincar de cachorro?"* *"Eu vou escolher os cachorros."* Depois disso, Leonel, Pablo e Sérgio dividiram os brinquedos, passando, ao mesmo tempo, a brincar e a conversar comigo. Era um entra-e-sai na brincadeira. Não era possível ficar só olhando para os cachorros. Parecia que algo de mágico os fazia brincar. Uma combinação muito rápida, totalmente improvisada e extremamente divertida!

Durante a brincadeira, criaram cenas de brigas e de cópula entre os cachorros. *"Esse cachorro quer brigar. Rrr"* (Sérgio) anunciando a briga e rosnando feito um cachorro. Logo Pablo entrou na brincadeira *"deixa só eu achar o meu Mastin"*. Quando ele achou o cachorro anunciado, tratou de atacar aquele que Sérgio segurava na mão. Muda a cena, conversamos mais um pouco e novos comentários: *"Esse daqui é capado. Mas tem algumas fêmeas. Isso daqui é uma cadela"* (Leonel). *"É, acho que é uma cadela. Vou deixar ela prenha"* (Pablo). Após expressar a sua intenção, coloca o dito *"macho"* sobre a suposta *"fêmea"*, imitando o movimento de cópula. A cena encerra com os três rindo muito.

Num outro grupo, só de meninas, quando retirei os cachorros da bolsa e os coloquei perto delas, ouvi muitas risadas e comentários carinhosos, como da Ana *"Que bonitinho! Que coisa fofa!"*. Ela, após olhar rapidamente todos os cachorros e não encontrar sua *"cadela"*, perguntou-me: *"Por que tu não trouxe um xerox da minha cadela, Sor?"* Logo em seguida, Júlia pega o maior dos cachorros, olha-me, mostra-me, ri e fala: *"Sor, Sor ele é o pai, o pai dos outros"*. Antes que eu fizesse algum comentário, ela definiu, entre os outros cachorros, aquele que seria *"a mãe"*. Troca a cena, e as meninas já estão brincando de veterinária. Beatriz, então, explica para uma suposta cliente que precisa *"fazer vacina, lavar e tirar as pulgas"* (do cachorro).

Nessas brincadeiras, meninos e meninas faziam de conta que eram cachorros ou uma veterinária – com encenação de vozes, gestos e movimentos - e co-transformavam "[...] simbolicamente a realidade em novos sentidos, funções, formas e configurações através da linguagem e da manipulação ou usos alternativos dos objectos e espaços" (FERREIRA, 2004, p.91).

¹²⁶Levei para a entrevista cerca de dez cachorros de brinquedo, de diversas raças, cuidadosamente separados pelo meu filho de oito anos de idade, que adora brincar com cachorros e com outros animais.

Diante deste rico e lúdico contexto em que ocorreu a conversa com as crianças e após analisar a relação delas com seus animais de estimação, optei por discutir as seguintes questões: Por que e como brincam as crianças com os cachorros? Quais os cuidados, os agrados e os mimos? Quais as reclamações? É preciso esclarecer que a construção deste tema ainda é muito recente para mim, o que me impede de fazer generalizações.

Assim, analiso esse tema apropriando-me dos estudos desenvolvidos por Sousa (2004) acerca da infância na literatura regional brasileira,¹²⁷ especialmente quando aborda o componente lúdico na relação das crianças com os animais de estimação. O cenário das obras analisadas é, na maioria das vezes, o cenário rural, revelado pelos autores tanto nas autobiografias, como nos livros de memórias, ficções e romances. Ainda que, em alguns momentos, a autora pareça supervalorizar e romantizar a vida das crianças no campo, não discutindo a exploração do trabalho infantil e a suas repercussões na vivência do lúdico (SILVA, 2000; 2003), ela ajuda-nos a compreender os vínculos existentes entre as crianças e os seus animais.

A infância neste estudo mostra-se como “[...] uma construção impregnada e embebida do ambiente onde é vivenciada”, onde se misturam as tarefas mais rudes, as brincadeiras e o convívio com os animais. Ser criança é correr e brincar no campo, conviver com os animais e tê-los como brinquedos, bem como acompanhar os adultos durante os seus afazeres. A infância rural é “[...] caracterizada pelo lúdico, pelo trabalho e pela aprendizagem com os adultos. Sem brinquedos de alta tecnologia, mas artesanais, o lúdico não tem hora e nem espaço determinados para acontecer”, instaurando-se “[...] nos espaços naturais” e se diversificando “[...] com o uso de elementos naturais” (SOUSA, 2004, p.1-7).

As brincadeiras das crianças apresentam elementos rurais e seus brinquedos, muitas vezes, são constituídos da própria natureza, como as árvores, os balanços, os rios e a terra.

¹²⁷Sousa (2004) estudou vários autores na literatura clássica regional, mas dá um destaque especial às obras de José Américo de Almeida (Memórias: antes que eu me esqueça), José Lins do Rego (Banguê, Menino de Engenho, Doidinho, Histórias da Velha Totônia: um clássico da literatura infanto-juvenil, O Moleque Ricardo) e Graciliano Ramos (Infância, Vidas Secas e A Terra dos meninos pelados).

Mas essa aproximação da criança ao natural não se reduz aos brinquedos naturais. Ela tem seu ápice nas relações que estabelecem com os animais, especialmente com os animais de estimação. A criança do meio rural está rodeada de animais e cresce com estes a sua volta. Muitas vezes o animal doméstico é a sua principal companhia em casa e por toda parte (SOUSA, 2004, p. 6).

Embora as crianças participantes da pesquisa e as crianças descritas pela literatura regional atribuam uma importância diferenciada aos animais de estimação, são inegáveis os fortes vínculos, o prazer, a alegria e a amizade que as primeiras nutrem por estes animais. Eles, também, são os parceiros que estão sempre disponíveis para passear e para brincar muito. “A brincadeira é parte essencial do processo de socialização” entre as crianças e os cachorros (Prefeitura Municipal De São Paulo, 2004).

Os cachorros, os preferidos, são os ouvintes das crianças, que manifestam ansiedade para falar e contar sobre coisas vividas, sonhadas ou inventadas. Elas não só falam com eles, como “[...] contam-lhes segredos” (SOUSA, 2004, p. 7). Essa é uma relação sem cobranças, havendo uma grande afinidade entre ambos. Porém, essa é, também, uma relação hierárquica de submissão do cachorro à criança. É ela que determina a brincadeira, o tempo de duração, o lugar e como vão brincar.

Há um consenso entre as crianças que brincar com os cachorros é “*tri legal*” e “*é tri massa*”. Tanto os meninos como as meninas explicam que gostam de brincar com os cachorros porque eles são “*fofinhos, gordinhos, engraçados, bonitinhos*” (Ana), “*amiguinhos, simpáticos*” (Raul), “*felizes, da paz*” (Pablo), “*bonzinhos*” (Paulo) e “*mais divertidos*” (Raul). Além dessas características, outras duas, diferentes das anteriores, foram lembradas por Ana e por Raul. Ela disse que também gostava de brincar com os cachorros porque pretende “*ser veterinária*” e ele, porque “*defendem a casa de noite*”.

Em síntese, podemos dizer que “As crianças falam de seus animais constantemente, exibindo orgulhosas suas qualidades, como eles são bonitos, gordos, limpos, espertos e inteligentes. [...]. Desprendem, pois, todo um carinho em relação aos animais (SOUSA, 2004, p. 7)”, principalmente em relação aos cachorros!

Lauwe (1991, p. 288), ao investigar as imagens, as representações e o estatuto da criança francesa a partir dos romances e dos desenhos, identificou que o animal (de

estimação) é revelador de sentimentos. Ele ajuda, muitas vezes, as crianças a superar a repulsa, estimulando o senso de devoção, de cuidado e de proteção. Nessa convivência, as crianças podem adquirir, conhecer e exercitar a paciência, criando fortes vínculos de afeto e respeito. A autora chega a referir-se aos “[...] sentimentos essenciais: a maternidade, amizade, o poder, [...], o ciúme e o amor”. Todos, de um jeito ou de outro, foram sendo apontados pelas crianças ao longo da pesquisa.

Em termos de brincadeiras, foi possível identificar que Ana brinca, às vezes, com o cachorro da sua avó, Ventania, *“brinco de atirar pedrinhas e ele vai buscar”*, mas já com sua cadela Latifa, uma Poodle, ela brinca muito, *“puxo uma corda e ela sai correndo atrás de mim”*. Júlia também se diverte da mesma forma, mas brincando com a cadela que é da prima, *“ela é muito brincalhona”*. Letícia conta o que faz seu cachorro Barão, um Pastor Alemão, *“ele pula em mim, corre, pega bolinha, pega aqueles discos, faz um monte de coisa”*. Ela lembra, com alegria, que ele continua brincando, apesar de *“ter quebrado a pata”*. A amizade e o companheirismo são tão intensos que o Barão tem *“ciúmes”* de outros cachorros. *“Ele tira eles”* (os outros cachorros) de perto dela, impedindo as brincadeiras.

O Barão quando eu trouxe um cachorrinho lá pra casa, ficou com ciúmes e nunca mais brincava comigo. Ele ficou triste e atrás da casa. Não queria brincar com mais ninguém. Depois que o cachorro morreu, ele ficou tri feliz, ficou pulando, brincando” (Entrevista, 05.04.2006).

Sérgio explica que *“pode passear”* com o seu cachorro e Raul fala com muita alegria que *“a gente se deita no chão e eles deitam em cima da gente”*. Ambos revelam quanto os cachorros brincam de tudo que eles estão a fim de brincar, *“topam qualquer coisa”*, tanto em casa, como na rua.

A contrapartida de estar sempre pronto para brincar com o seu dono ou sua dona requer alguns cuidados, afagos e carícias. A cadela Latifa, *“da novela Jade”*,¹²⁸ da Ana é o *“xodó da casa”*. Ela é criada dentro de casa com todas as regalias, estando sempre *“limpa e cheirosa”*. Beatriz conta que Pipoca, um Labrador, todos os dias vai

¹²⁸Jade e Latifa eram duas personagens, irmãs, de origem árabe, da novela “O Clone”, exibida na época da pesquisa pela Rede Globo de Televisão.

acordá-la na sua cama. Desde pequeno, ele está com ela, sendo que *“ele só dorme nos meus pés, no travesseiro e tem que ser tapado”*. Ambas convivem desta forma com os cachorros porque os adultos assim permitem.

Maria gostaria de ficar mais perto do seu cachorro, mas, como *“ele é pequenininho, filhotinho”*,¹²⁹ provavelmente recém-nascido, tem receio de machucá-lo, *“eu não posso pegar porque senão ele pode morrer”*. Durante a expedição à casa da Maria, a sua avó contou-me que Roque, um vira-lata, por ser *“amigo dela”* (neta) e das outras crianças que moravam no mesmo pátio, cuidava de todas. *“Se alguém tentasse pegar ou mexer com as crianças, ele avançava”*. Os cuidados, nesta situação, são recíprocos: tanto da menina com o seu filhotinho, como do Roque com a menina (sua protegida e amiga).

Raul fala com alegria das brincadeiras, do cuidado com a higiene e da amizade com seu cachorro:

Eu tenho um cachorro que eu brinco com ele todos os dias de noite porque ele é limpinho. Eu dou banho nele sempre. Ele sempre vive na minha cama e eu sempre brinco com ele. Eu brinco com ele na minha cama e, às vezes, ele dorme comigo, ele dorme do meu lado. Ele é meu amigão. Ele é o meu melhor amigo, depois do Henrique (Entrevista 04.04.2006).

Em relação aos cuidados, Henrique lembrou que, no dia em que tirou uma fotografia do seu cachorro Bilu, um vira-lata, ele *“ficou apavorado com a máquina. Quando ligou o flash, ele se assustou”*. Apesar de se preocupar com a reação do Bilu, Henrique contou, com orgulho, que agora teria um foto do seu *“cachorrinho”* de estimação.

Parece-me que os cuidados e o carinho das crianças com os cachorros não têm limites, tanto que duas meninas compararam estes animais às pessoas, especialmente ao tipo de alimento e ao local onde comem e aos cuidados com as doenças. *“Eles são (pausa) quase pessoas”* (Letícia). *“É, são pessoas, quase”* (Lívia), *“só que comem*

¹²⁹Sousa (2006, p.7) explica que “[...] os filhotes têm preferência na hora de tornarem-se amigos. [...] é mais fácil para as crianças os terem nos braços, no colo ou fazerem um afago”.

(pausa) *ração, tomam vacina*” (Lívia), *“fazem tudo, eles comem como as pessoas”* (Letícia), *“só que comem restos, às vezes, ossos”* (Lívia).

Esses argumentos revelam a importância que os animais de estimação têm na suas vidas, no mundo das crianças e também de outros grupos geracionais, sendo “[...] inegáveis os laços de afetividade entre eles e seus proprietários”. Os cachorros “[...] fazem parte da rotina diária de muitas famílias, sendo indiscutível sua importância nas sociedades humanas, seja como companhia, guarda ou outras formas de convivência” (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2004, p. 6).

Os vínculos de amizade, confiança, respeito, companheirismo e cuidado com esses animais de estimação não são só típicos das crianças, mas também dos adultos, dos jovens e dos idosos. Contudo, parece haver, entre as crianças, uma maior disponibilidade para aceitar os cachorros como seus parceiros de brincadeiras. Talvez isso ocorra porque elas “[...] brincam, continua e devotamente e, ao contrário dos adultos, entre brincar e fazer coisas sérias não fazem distinção, sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério” (SARMENTO, 2003b, p. 12).

Pelo que pudemos perceber até agora, as crianças brincam com seus animais de estimação e cuidam deles, “[...] escolhem seus nomes, os alimentam e banham. Eles dormem dentro das casas ou em seus arredores. Seguem seus donos aonde quer que eles vão. São muitas vezes os grandes amigos das crianças, os seus diletos brinquedos” (SOUSA, 2004, p. 7).

A afirmação de Sousa (2004) de que os animais podem tornar-se os brinquedos preferidos das crianças parece diferir do que elas estão expressando na pesquisa: os seus cachorros são lembrados mais como parceiros e amigos das brincadeiras. As crianças até estabelecem uma relação de posse e procuram manipular os seus animais de estimação de forma que eles brinquem daquilo que elas estão querendo brincar, mas, nem sempre isso dá certo. Eles sempre são imprevisíveis! Para Lauwe (1991), os animais podem, por vezes, assumir a forma de brinquedo, mas frequentemente as crianças brincam com eles. O cachorro não é um objeto que ganha vida através das crianças, embora ele possa ser envolvido no faz de conta das suas brincadeiras e até adquirir outras formas, tamanhos e cores.

Brougère (1997, p. 62-63) explica que os brinquedos podem ser definidos em relação à brincadeira e em relação à representação social. Na primeira situação, o brinquedo é aquilo que é usado como apoio numa brincadeira, podendo ser um objeto confeccionado ou um objeto produzido por aquele que brinca, ou até mesmo uma sucata, que só tem valor durante a brincadeira. “Tudo, nesse sentido, pode se tornar um brinquedo e o sentido de objeto lúdico só lhe é dado por aquele que brinca enquanto a brincadeira perdura”. Na segunda situação, o brinquedo é um objeto industrializado ou produzido artesanalmente, sendo “[...] reconhecido pelo consumidor em potencial, em função dos seus traços (aspecto, função) e do lugar que lhe é destinado nos sistema social de distribuição de objetos”. Com esta explicação, parece claro que os cachorros ou animais de estimação não são brinquedos e, sim, parceiros das brincadeiras das crianças. Além disso, são parceiros bastante diferentes das outras crianças e dos adultos pelas características e pelos próprios argumentos que venho desenvolvendo ao longo do texto e que podem ser explorados em outros estudos.

Mas nem sempre é assim, há momentos em que os cachorros incomodam e se “metem” nas brincadeiras. Henrique reclamou que eles atrapalham as brincadeiras porque “pegam a bola, eles estão sempre na volta”. Ana também reclamou que Ventania, o vira-lata que pertence a sua avó, atrapalha “quando pulo corda, ele pula e arranca a corda; quando ando de bicicleta faz tu cair”. Só que ela admite que “às vezes gosto de brincar” com ele. Beatriz explicou que, às vezes, o cachorro que é do seu irmão não a deixa “pular corda, jogar bola, andar de bicicleta e de patinete”.

Bolas são adoradas tanto pelas crianças como pelos cachorros; ambos correm atrás e querem apropriar-se desse objeto. Num jogo de futebol ou num outro jogo com bola, quando o animal pega e prende a bola, é preciso parar tudo, interromper ou até desistir de jogar. Além disso, há o risco de ela ser furada e inutilizada. Há bolas e brincadeiras que não são para cachorros.

As crianças, ao mesmo tempo em que adoram, elogiam e gostam de brincar com os seus animais de estimação, não deixam de dizer que eles também atrapalham as brincadeiras para as quais não foram convidados como andar de bicicleta e

patinete. Em determinados momentos, “*é legal*” e “*é tri massa*” pegar uma corda e sair correndo e tentar desvencilhar-se do cachorro. Em outros, não é nada agradável, já que podem correr o risco de perder a corda e não pular mais ou até se machucar.

Juntamente a essas reclamações Ana, Júlia, Beatriz e Débora lembram que não se agradam muito de ter de juntar as fezes dos seus cachorros. Júlia, rindo muito, comenta que não precisa limpar porque “*a cadela não é minha*”, é da sua prima. Ana aproveita e diz que “*às vezes limpa uns cocozinhos*”, mas isso é muito raro. Já Beatriz explica que não limpa porque “*senão eu vomito*”, ou seja, sente nojo. A única que afirma limpar, mas fala e faz uma careta de deboche, é a Débora “*Eu limpo eles*” (pausa), “*os meus cachorros*”, referindo-se as fezes que eles fazem. Mas sua atitude é logo desfeita por uma das meninas, a Júlia, que, rindo, entrega-a “*ela tá mentindo. Quando ela faz essa cara é porque tá mentindo*”. Diante da situação, Débora, sem caretas, refaz a sua fala, dizendo que “*eu limpo o pátio para a minha avó*”, não ficando claro se ela realmente limpa as fezes.

As meninas gostam muito dos seus animais de estimação. Elas os admiram, compartilham brincadeiras, fazem muitos afagos e até admitem brincar com os cachorros que, em algumas situações, atrapalham outras brincadeiras, mas não limpam as fezes. Para brincar, é preciso querer brincar com alguém, com alguma coisa e de determinada forma. É bastante improvável que as crianças queiram brincar de limpar as fezes!¹³⁰ Essa é uma atividade nada lúdica: não cativa, não fascina, não alegra e muito menos diverte as crianças (HUIZINGA, 2000). Talvez as crianças estejam reclamando indiretamente dos adultos, “os mentores da limpeza” do que propriamente dos cachorros, “os autores da sujeira”.

Na medida em que fui conversando com as outras crianças, percebi que havia outros tipos de reclamações, bem diferentes das anteriores, associadas ao medo e às traquinagens de cachorro.

Raul, apesar de adorar o seu cachorro, com quem brinca e até dorme junto, mostra-se contrariado e temeroso com a presença de um outro cachorro, bastante

¹³⁰Não estou querendo dizer, com isso, que as crianças não possam e não devam ajudar em algumas tarefas domésticas, principalmente, aquelas em estão diretamente envolvidas. A escolha de possuir um animal e cuidar dele, deve ser partilhada entre crianças e adultos.

feroz, na nova casa¹³¹ em que está morando. Nesta casa em que o pátio é aberto, sem muro ou cerca, “*agora tem Pitbull*”,¹³² que atrapalha as brincadeiras com seus amigos e com o seu cachorro, o “*amigão*”. O sentimento de medo e temor é um alerta de que nem todos os cachorros preenchem os requisitos necessários e importantes para ser parceiro de brincadeiras, parceiro confiável, bom, amigo e que não morda. Brincar exige também segurança, tranquilidade e acordo entre os parceiros, ainda que seja com um cachorro.

Há coisas que os cachorros “aprontam” somente com os adultos. Paulo contou-me sobre um dos seus cachorros que urinava num objeto da casa e pegava coisas e enterrava no pátio.

Eu tinha um (cachorro), só que o pai (pausa). Ele mijava no travesseiro. Ele roubou uma vez um remédio de cima do bidê da minha vó e custava duzentos pila. Ele pegou, roubou, cavou e ninguém nunca mais achou. O pai acabou dando ele. Aí quando o pai ia dar nele, quando ele fazia essas bobagens, ele ainda se botava no pai. Aí o pai deu ele (pausa). Isso aí eu sei que ele nunca fazia comigo. Contigo ele era amigão? (pesquisador) Era.

(Entrevista 04.04.2006)

Essa é uma história ao mesmo tempo triste e engraçada. Triste, porque Paulo perdeu o seu companheiro de brincadeiras, porque a avó ficou sem o remédio que custava muito caro e porque o pai bateu no seu animal estimação. Também é engraçada pelo inesperado e surpreendente alvo escolhido pelo cachorro para urinar – um travesseiro e não um pneu, uma porta, uma parede, uma planta ou um tapete - e pela ação de pegar um objeto que estava dentro de casa e enterrá-lo no pátio, como se fosse um osso.

É muito difícil encontrar uma criança que não tenha “aprontado uma”, ou seja, que tenha feito uma peraltice na sua própria casa, na casa do vizinho, na escola ou em outro lugar. Talvez por isso que o Paulo seja mais brando com o cachorro e sinta muito a sua saída da casa.

¹³¹Raul mora junto com a sua avó numa casa de fundos. Não há uma separação entre a casa da frente e a casa dos fundos, sendo um único pátio para ambas as casas.

¹³²No ano de 2006 foram registrados na cidade de Pelotas/RS vários casos de ataque às crianças pelo cachorro da raça Pitbull, inclusive com mortes. Esses ataques têm sido amplamente divulgados tanto nos jornais como na televisão, com repercussão estadual.

As crianças lutam e resistem para continuar brincando em espaços/tempos que não são pensados e discutidos com elas. Talvez por isso os animais tenham assumido um papel tão importante na escolha de parceiros, porque estes estão quase sempre disponíveis para participar das suas experiências lúdicas.

Acredito que ainda sabemos pouco sobre a cultura lúdica das crianças, principalmente sobre as crianças das classes populares. Embora “[...] hoje o popular não esteja na ordem do dia” há elementos do chamado “[...] caldeirão cultural brasileiro (FONSECA, 2004, p. 212; 218)” que só são compreensíveis quando se leva em conta a tradição das classes populares. Sem dúvida, as crianças das classes populares têm algo a dizer, que vale a pena escutar, sob as suas formas de brincar e se divertir.

Referências

BROUGÈRE, Gilles. **A criança e a cultura**. São Paulo: Cortez, 1997.

FERREIRA, Manuela. Do “avesso do brincar ou ... as relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da (s) ordem (ens) social (ais) instituinte(s) das crianças no jardim-de-infância. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (org.). **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Edições ASA, 2004.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LAUWE, Marie-José Chombart de. **Um outro mundo: a infância**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MELLO, Thiago de; BARROS, Manoel de; ANDRADE, Carlos Drummond de. **A poesia dos bichos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

PEREIRA, Beatriz Oliveira; NETO, Carlos. A infância e as práticas lúdicas: estudo das actividades de tempos livres nas crianças dos 3 aos 10 anos. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (Coord.). **As crianças – contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Manual do educador – “Criando um amigo”**: manual de prevenção contra agressões por cães e gatos. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo/Secretaria Municipal da Saúde/Gerência de Vigilância Ambiental/Centro de Controle de Zoonoses, 2004. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br//arquivos/secretarias/saude/vigilancia_saude. Acesso: em 17. jan. 2006

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância**. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003, p. 1-18. (texto digitado).

SILVA, Maurício Roberto da. **O assalto no mundo amargo da cana de açúcar**. Onde está o lazer/lúdico? O gato comeu? Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2000. (Tese de Doutorado).

_____. **A trama doce-amarga (exploração do) trabalho infantil e cultura lúdica**. Ijuí: Editora Unijuí, São Paulo: Hucitec, 2003.

SOUSA, Emilene Leite. **A literatura regional e a representação da infância rural**. João Pessoa, n.5, março 2004. Disponível em <<http://www.cchla.ufpb.br/paraiwa/05-emilene.html>>. Acesso em: 18 set.2006.

WÜRDIG, Rogério Costa. **O quebra-cabeça da cultura lúdica - lugares, parcerias e brincadeiras das crianças**: desafios para política da infância. São Leopoldo: Unisinos, 2007 (Tese de Doutorado).